

**SENTIDOS DA PESCA E A PESCA DOS SENTIDOS: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL
PARA COMPREENSÃO DO SUMIÇO DOS PEIXES DA PESCA DE CURRAL EM
IPIOCA, MACEIÓ, AL¹**

Renata Ferraz de Toledo*

* Mestre e Doutora em Saúde Pública (FSP/USP). Pós-doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP (Bolsista Fapesp Processo 2010/13839-0). Bióloga (UNESP/Campus Botucatu, SP). Educadora Ambiental (Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – FSP/USP). São Paulo, SP, Brasil. Email: renataft@usp.br

Ao terminar a leitura deste livro, de autoria da professora e pesquisadora Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro, pude chegar a muitas conclusões. Dentre elas, uma das mais importantes talvez seja a constatação, mais uma vez, da relevância de pesquisas participativas para o enfrentamento de realidades complexas. Quando digo “mais uma vez”, refiro-me aos excelentes resultados que vêm sendo alcançados e demonstrados por pesquisas dessa natureza nos últimos anos. Evidentemente que esse não é um movimento novo e, como bem coloca a autora na primeira parte do livro, surge da insatisfação para com modelos dominadores de produção do conhecimento (e eu diria também de reprodução do conhecimento).

Estudos realizados na década de 1940, por Kurt Lewin, por exemplo, objetivavam a mudança de hábitos alimentares da população e também de atitudes dos americanos para com as minorias étnicas, e pautava-se em valores como: relações democráticas; participação; direitos individuais, culturais e étnicos; tolerância; e ainda a importância de decisões grupais. Lewin mostrava-se interessado em contribuir para a elevação da autoestima desses grupos, por meio da comunicação e cooperação entre pares (LEWIN, 1946; ADELMAN, 1993; FRANCO, 2005). Pode-se dizer, no entanto, que metodologias de pesquisa de caráter participativo ganham repercussão mundial tanto na área científica como no campo político a partir do Primeiro Simpósio Mundial sobre Pesquisa Participante, realizado em Cartagena, Colômbia, em 1977 (FALS BORDA, 1981). Na América Latina, também na década de 1970, as experiências de Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Danilo Strech, entre outros, demonstravam, claramente, da mesma maneira, preocupação para com a participação dos grupos sociais considerados

¹ RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira. Maceió: EDUFAL, 2011. 262 p.

excluídos da tomada de decisões para a solução de problemas coletivos, tendo, portanto, as pesquisas participativas, um conteúdo bastante politizado.

No entanto, o reconhecimento científico e a viabilidade acadêmica de metodologias dessa natureza, ainda enfrentam, infelizmente, certa resistência. Resistência esta que, conforme mencionado anteriormente, vem sendo aos poucos e, principalmente na última década, caminhando para uma superação em função não só dos bons resultados alcançados, na perspectiva de contribuir para a transformação social e para a produção compartilhada de saberes, mas também pela intensificação do processo de divulgação destes. Assim, quero destacar de antemão que o livro “Sentidos da pesca e a pesca dos sentidos” é, sem dúvida, um claro exemplo desses “bons resultados” a que me refiro.

Esse contexto de pesquisa participativa em que o livro se insere me fez, aos poucos, compreender os motivos pelos quais o professor Marcos Reigota provavelmente havia me indicado a leitura desta obra, já que este é um tema pelo qual me identifico. Confesso, porém, que apesar do título ser bastante atraente e sugestivo, minha primeira reação foi de absoluta estranheza e preocupação. Afinal, o que eu entendia de pesca? De qualquer forma, aceitei o desafio.

Para minha surpresa, logo nas primeiras páginas, quando a autora começa a descrever a área de estudo como “*chegou*” e “*ficou*” em Ipioca, aspectos históricos, a paisagem e a dinâmica socioeconômica, tive a certeza de que no mínimo seria uma leitura interessante e bastante agradável. Isso porque, a estrada a beira-mar que leva à Ipioca “caminho entrecortado por praias, coqueiros, manguezais e cajueiros” (p. 24); a parte baixa e a alta do vilarejo, “com seus chamados tabuleiros” típicos da costa litorânea nordestina (p. 25); e o processo de fabricação artesanal do doce de caju, de certo modo, me “transportaram” para lá, me fazendo sentir não apenas o cheiro da maresia mas, principalmente, do doce de caju. E, o que poderia ser apenas uma leitura agradável, foi aos poucos avançando para muito além disso...

Pois bem, o tema central da pesquisa de Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro, que deu origem a este livro, foi a pesca artesanal de curral realizada em Ipioca, Maceió, estado de Alagoas. Trata-se de um relato etnográfico na perspectiva da **Psicologia Social de abordagem construcionista**. O livro está dividido em duas partes: Parte I – Me (des) enredando em teorias; e a Parte II – Co-construindo problemas e soluções: o caso da pesca de curral em Ipioca.

Na primeira parte, a autora começa apresentando a área de estudo e, como dito anteriormente, “como chegou” e “ficou em Ipioca”. Esclarece ainda o leitor “de que Psicologia Social se está falando”, sua origem e preocupação para com novas formas de se “compreender os fenômenos humanos e a produção do conhecimento” (p. 31), aproximando o conhecimento científico do saber popular e entendendo as “práticas dos cientistas como práticas sociais” (p. 32). Caracteriza a perspectiva construcionista considerando “qualquer conhecimento como socialmente construído” e ressalta a importância do questionamento de “para quem” e “para que” determinado saber é produzido cientificamente (p. 34). A autora deixa ainda bem claro o comprometimento da Psicologia Social construcionista com a produção do conhecimento enquanto ação – a qual se dá no decorrer do processo, por meio de relações dialógicas, e exige, portanto, grande flexibilidade.

Representações de desenvolvimento na perspectiva social e ambiental são também abordadas nessa primeira parte do livro. Aliás, o caminho percorrido pela autora, no sentido de estimular reflexões sobre as relações de poder que contextualizam estas discussões, se fez de forma bastante objetiva, ou seja, sem repetições desnecessárias, “panos quentes” ou rodeios.

Dentre as preocupações da pesquisadora, estava a necessidade de melhoria das condições de vida dos moradores de Ipioca, cujas atividades geradoras de renda estavam em decadência, e a prática da pesca era cada vez menos desenvolvida, tendo como um dos motivos, a escassez dos peixes. A partir desse entendimento, este se constituiu como o principal problema de pesquisa, o qual foi construído no decorrer desse processo dialógico, como bem esclarece a autora em vários momentos do livro. Da mesma maneira, para buscar compreender e enfrentar esta problemática baseou-se no estudo de práticas discursivas, onde a linguagem figura como prática social e como ação. Três perguntas foram construídas: “como circulam, nas diferentes falas os motivos para o desaparecimento dos peixes? quais as possibilidades de solução para esse problema que emergem das falas dos(as) diversos(as) interlocutores(as)?; quais os meios de viabilizar as soluções que circulam nas diversas falas?” (p. 88).

Os resultados alcançados foram, portanto, fruto de diálogos com diferentes interlocutores, dentre eles pescadores (as), representantes de órgãos ambientais e documentos de domínio público, sendo estes últimos também considerados como práticas discursivas, principalmente pela forma como são veiculados, ou seja, públicos, tais como reportagens, leis e projetos para a região.

Vale ressaltar que a compreensão da dinâmica de co-contrução dessa pesquisa é fundamental para a identificação das suas contribuições para a transformação social, no âmbito da Psicologia Social construcionista.

Na segunda parte do livro, logo de início, a pesquisadora nos “transporta” mais uma vez para Ipioca ao descrever o “tempo da maré”. “É ela que diz a hora de ir pescar ou a hora de voltar da pesca. Para saber da maré também é necessário reconhecer a lua que aparece no céu: se crescente ou minguante, a maré é morta; se cheia ou nova, a maré é viva. A maré morta quer dizer que o mar nem sobe nem desce muito, o que em Ipioca significa que as pedras [recifes] ficam cobertas. Por outro lado, quando a maré é viva, o mar recua, as pedras aparecem, e depois ele avança até quase cobrir a praia” (p. 122). A influência da lua e da maré na pesca, de fato, não é nenhuma novidade à grande maioria dos leitores – mesmo para aqueles sem muita afinidade com esta atividade. No entanto, a forma como este entendimento está nas falas dos interlocutores, especialmente dos pescadores, e a maneira como foi incorporado na interpretação e descrição da autora é que surpreenderá o leitor.

É nesta segunda parte então do livro que a pesquisadora nos apresenta trechos desses diálogos e das práticas discursivas com os diferentes interlocutores, buscando concordâncias e discordâncias entre as falas e os documentos analisados, confrontando opiniões, principalmente dos pescadores com representantes institucionais e exemplificando com muita propriedade suas interpretações na busca de respostas para as três perguntas de pesquisa formuladas.

Alguns trechos apresentados refletem certa passividade e baixa auto-estima de alguns moradores de Ipioca, o que se pode dizer, não é nenhuma especificidade local, já que essa é uma situação facilmente encontrada em várias regiões do nosso país, principalmente junto aos menos favorecidos e excluídos socialmente, resultado, dentre outros fatores, de um assistencialismo de longa data. Assim, aguardar melhorias e benefícios externos se mostra muitas vezes como mais fácil do que lutar por seus direitos e acreditar no seu próprio potencial de transformação.

Ao final do livro a autora convoca o leitor para uma reflexão sobre qual a contribuição da Psicologia Social orientada por uma perspectiva construcionista para a transformação social. No contexto desta pesquisa, ficam bastante evidentes que a circulação de informações e o diálogo entre pessoas envolvidas na mesma problemática favorecem seu enfrentamento, a busca de nexos causais, de co-responsabilidades e de soluções. E a autora vai além para explicar esta

contribuição ao dizer “produzindo conhecimentos conjuntos e apoiados pela dialogia, que questionem as verdades absolutas e que estejam comprometidos ética e politicamente, para que assim possam proporcionar outras aberturas às práticas sociais” (p. 249).

Para conhecer as respostas e os principais resultados dessa pesquisa eu indico a leitura deste livro, o qual pode ser de grande interesse para pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como a da etnoecologia ou mesmo do manejo de recursos pesqueiros, e é claro da psicologia social. Mas eu diria que este é especialmente recomendado para aqueles que buscam nas pesquisas de caráter participativo extrapolar os “muros” das universidades e produzir saberes para além da academia e que, de fato, contribuam para atender aos reais interesses dos grupos sociais investigados.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, C. Kurt Lewin and the origins of action research. **Educational Action Research**, United Kingdom, v. 1, n. 1, p. 7-24, 1993.

FALS BORDA, O. **Conocimiento y poder popular**. México: Siglo ZZI, 1983.

FRANCO, M.A.S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez., 2005.

LEWIN, K. Action research and minority problems. **Journal of Social Issues**, New York, n. 2, p. 34-36, 1946.